



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO A DISTÂNCIA
ESPECIALIZAÇÃO *LATO-SENSU* EM GESTÃO EDUCACIONAL**

**CONTRIBUIÇÕES DA AFETIVIDADE NA GESTÃO
ESCOLAR**

MONOGRAFIA DE ESPECIALIZAÇÃO

Ingrid Rosana Nitsche Leidens

**Tio Hugo, RS, Brasil
2009**

CONTRIBUIÇÕES DA AFETIVIDADE NA GESTÃO ESCOLAR

por

Ingrid Rosana Nitsche Leidens

Monografia apresentada ao Curso de Pós-Graduação a Distância
Especialização *Lato-Sensu* em Gestão Educacional, da Universidade
Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para
obtenção do título de
Especialista em Gestão Educacional

Orientadora: Prof^a. Ms. Ana Paula da Rosa Cristino

Tio Hugo, RS, Brasil

2009

**Universidade Federal de Santa Maria
Centro de Educação
Curso de Pós-Graduação a Distância
Especialização *Lato-Sensu* em Gestão Educacional**

A Comissão Examinadora, abaixo assinada,
aprova a monografia

CONTRIBUIÇÕES DA AFETIVIDADE NA GESTÃO ESCOLAR

elaborada por
Ingrid Rosana Nitsche Leidens

Como requisito final para obtenção do grau de
Especialista em Gestão Educacional

COMISSÃO EXAMINADORA :

Ana Paula da Rosa Cristino, Ms. (UFSM)
(Presidente/ Orientadora)

Adalberto Dutra Rossatto, Ms. (FAPAS)

José Luiz Padilha Damilano, Esp. (UFSM)

Santa Maria, 07 de agosto de 2009.

DEDICATÓRIA

Este trabalho será dedicado, a todos aqueles que acreditam no amor e vêem nele a certeza de um futuro melhor. Um futuro onde possam fazer sua estrela brilhar, com fraternidade, luz e sabedoria. A Deus, primeiramente que a cada amanhecer nos prova o seu grande amor pela humanidade, a meus filhos e a minha família que são a prova de que o amor transforma.

AGRADECIMENTOS

Dentre aqueles que contribuíram para a realização deste trabalho, gostaria de agradecer especialmente:

Primeiramente a Deus, por abençoar minha vida e me proporcionar condições de enfrentar muitos desafios e realizar este trabalho.

À Professora Mestre Ana Paula da Rosa Cristino pela orientação competente e pelo respeito.

À minha mãe, Renilda, por tudo o que me proporcionou na vida, e que, tenho certeza, nunca poderei retribuir a contento.

Ao meu esposo Vanderlei pela compreensão devido às ausências inevitáveis e pelo grande apoio e incentivo que sempre oferece. Sem você eu não me lançaria em tantos desafios. Você me inspira.

Aos meus filhos, Arthur, Bárbara e Bianca, por todo amor e encantamento que trazem à minha vida.

Aos familiares, mestres, amigos e alunos, companheiros de minha jornada. A todas as pessoas que se preocuparam comigo e se importam com meu sucesso e realização.

Fica, portanto, o registro do meu sincero e eterno amor por vocês e da certeza de que sempre estarão guardados em meu coração.

A todos afetuosamente meu muito obrigado.

RESUMO

Monografia de Especialização
Curso de Pós-Graduação a Distância
Especialização *Lato-Sensu* em Gestão Educacional
Universidade Federal de Santa Maria

CONTRIBUIÇÕES DA AFETIVIDADE NA GESTÃO ESCOLAR

AUTORA: Ingrid Rosana Nitsche Leidens
ORIENTADORA: Ana Paula da Rosa Cristino
Data e Local de Defesa: Tio Hugo, 08 de agosto de 2009.

Esta pesquisa se propôs investigar a importância do afeto na aprendizagem e na gestão escolar, sabendo-se que sem envolvimento afetivo, isto é, sem interesse não se constrói conhecimentos. A abordagem metodológica de caráter qualitativo teve como procedimento a pesquisa bibliográfica, a qual aponta a afetividade como base do desenvolvimento e da aprendizagem, afetividade e cognição andam juntas. Para que haja aprendizagem a criança precisa criar laços afetivos com o objeto do saber e os sujeitos da aprendizagem. Neste sentido, a escola como um todo deve ser um lugar agradável à criança. A gestão escolar, e todos os elementos envolvidos na gestão, precisam estar interagindo e proporcionando situações de construção coletiva, exercitando o respeito mútuo. Neste sentido, procura-se resolver conflitos e relaciona-se da melhor forma possível. A gestão escolar não decide nada sozinha, por isso a importância das relações afetivas para que todos se sintam bem e construam aprendizagens de forma significativa e tomem decisões conjuntas para o bem de todos.

Palavras-chave: Gestão Escolar. Afetividade. Aprendizagem.

ABSTRACT

Monografia de Especialização
Curso de Pós-Graduação a Distância
Especialização *Lato-Sensu* em Gestão Educacional
Universidade Federal de Santa Maria

CONTRIBUIÇÕES DA AFETIVIDADE NA GESTÃO ESCOLAR

CONTRIBUTION OF THE AFFECTIVE IN SCHOOL MANAGING

AUTHOR: INGRID ROSANA NITSCHÉ LEIDENS

ADVISER: ANA PAULA DA ROSA CRISTINO

Data e local de defesa: Tio Hugo, 07 de agosto de 2009.

This research had as propose to investigate the importance of the affection in the learning and in the school managing, knowing that without affective involvement, that is, interest can not be built without knowledge. The methodological approach of qualitative character had as procedure the bibliographic research, which shows the affection as a basis of development and learning, affection and cognition walk together. In order to have learning the child needs to create affective ties with the object of the knowledge and the subjects of the learning. This way, the school as a whole should be a pleasant place for children. The school managing, and all the involved elements in it, need to be interacting and providing situations of collective construction, exercising mutual respect. According to it, it is necessary to resolve conflicts and relate it in the best possible way. The school managing does not decide anything alone, so the importance of emotional relationships so that everyone can feel good and build knowledge of a significant way and take joint decisions for everybody's welfare.

Key-words: School Managing. Affective. Learning.

LISTA DE SIGLAS

PRH - Personalidade e relações humanas.

SPA - Síndrome do pensamento acelerado.

AIDS - Síndrome da imunodeficiência adquirida.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Seqüência do Desenvolvimento Emocional.....	24
Quadro 2 - Consciência das Regras.....	26

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	10
CAPÍTULO 1 A GESTÃO ESCOLAR E A AFETIVIDADE	12
1.1 Considerações iniciais: Afetividade e os Gestores Escolares	12
1.2 Objetivos.....	14
1.2.1 Objetivo Geral	14
1.2.2 Objetivos Específicos	14
1.3 Encaminhamentos metodológicos	14
1.3.1 Caracterização teórico-metodológica da pesquisa	14
1.3.1 Procedimentos metodológicos: Pesquisa bibliográfica.....	15
CAPÍTULO 2 ARTICULAÇÕES ENTRE ESCOLA, AFETIVIDADE E GESTÃO ESCOLAR	17
2.1 Escola: Aprendizagem e relações necessárias	17
2.2 Desenvolvimento afetivo da criança.....	21
2.3 Relações entre conhecimento, afetividade e gestão escolar	28
CAPÍTULO 3 ANÁLISE DAS INFORMAÇÕES: RELAÇÕES ENTRE AFETIVIDADE E GESTÃO ESCOLAR	35
3.1 A dimensão afetiva na aprendizagem.....	35
3.2 Papel dos gestores na construção da afetividade	38
CONSIDERAÇÕES FINAIS	47
REFERÊNCIAS	49

APRESENTAÇÃO

A época contemporânea é marcada por situações de avanços e recuos no desenvolvimento dos diferentes espaços que compõem o planeta, apresentando uma problemática sócio-econômica, política, cultural e educacional que causa preocupações a população e suscita inúmeras indagações.

São problemas de toda a ordem que desfilam e que afetam a vida das pessoas, entre outras: o analfabetismo, a evasão escolar, o desemprego, a violência, a desnutrição, a falta de profissionais especializados ou de recursos financeiros para suprir as necessidades mínimas das pessoas.

Desta forma o tema “Contribuições da Afetividade na Gestão Escolar” foi escolhido pela constatação de que, atualmente, ocorreu uma intensificação da agressividade e do fracasso escolar. Estes fatores estão intimamente ligados ao desenvolvimento emocional das crianças e jovens, e os gestores têm condições de desenvolver estratégias e ações, estimulando toda a comunidade escolar a direcionar as atividades levando em conta o desenvolvimento integral dos educandos.

A convicção de que a afetividade aplicada no contexto escolar reflete em melhores resultados dos alunos surgiu na minha atuação docente, nos últimos nove anos, especialmente em turmas do Ensino Fundamental. Bem como a constatação de que todos os gestores atuando, considerando o desenvolvimento afetivo dos alunos, refletirá em grandes benefícios aos mesmos.

Em minha experiência profissional trabalhei com alunos da Educação Infantil, do Ensino Fundamental e Profissionalizante, percebo que independentemente da idade dos mesmos, é fundamental o relacionamento professor-aluno para o desenvolvimento das atividades escolares. Contudo, este fator foi relevante nos anos de 2004 à 2007 com alunos da 4ª série do Ensino Fundamental, em defasagem de idade/série. Neste contexto pude constatar o quão importante foi considerar o desenvolvimento emocional dos alunos no trabalho de despertar neles o interesse pela aprendizagem.

O apoio da equipe pedagógica foi fundamental para o desenvolvimento de um bom trabalho.

Muitas dificuldades são encontradas na educação atualmente: pouco recurso financeiro, descaso dos governantes, desvalorização dos educadores em todos os aspectos e a realidade de nossos alunos hoje é bastante diferente da escola que se tem.

Dessa forma, utilizo como eixo para abordar afetividade a vertente teórica de Wallon (2007) e Piaget (1998), sociointeracionistas. Já para a Gestão Escolar são utilizados os autores Lück (2006), Libâneo (2001), e Krausz (2008), entre outros.

O estudo sobre afetividade e gestão escolar contribui muito para a escola tendo em vistas que o processo educacional se assenta sobre o relacionamento de pessoas. As interações sociais são fundamentais no processo de desenvolvimento humano. A gestão, como orientadora do processo educativo, terá seus resultados ampliados se contemplar a afetividade como parte do processo educativo, pois esta desempenha um papel fundamental na construção e funcionamento da inteligência, determinando os interesses e necessidades individuais.

Objetivando um melhor entendimento do trabalho, optou-se por dividi-lo em três capítulos específicos, sendo que no primeiro será abordado a afetividade e o papel dos gestores. No segundo capítulo serão desenvolvidos fundamentos e conceitualizações a respeito da afetividade enquanto desenvolvimento afetivo na idade escolar, contexto escolar, papel dos gestores na construção do conhecimento e da afetividade. O terceiro capítulo contemplará uma análise das informações da pesquisa, a saber, as relações entre afetividade e gestão escolar. Finalmente discorre-se sobre as conclusões alcançadas ao término do trabalho.

Aprender a viver junto exige a capacidade de administrar o conflito, as divergências e as diferenças. Neste sentido estão presentes as contribuições do estudo sobre afetividade e gestão para a escola, pois ambas estão interligadas numa gestão democrática, que depende das relações de um grupo, do diálogo e a cima de tudo da ética e do respeito mútuo.

CAPÍTULO 1 A GESTÃO ESCOLAR E A AFETIVIDADE

1.1 Considerações iniciais: Afetividade e os Gestores Escolares

Sabemos que somos frutos de uma relação afetiva, que o ser humano é toda emoção e que essas emoções constituem um fenômeno social. Assim sendo, se constrói conhecimento a partir dos vínculos afetivos criados entre os objetos do saber e os sujeitos do processo de aprendizagem. Pretende-se então, investigar como se dá o desenvolvimento afetivo e suas implicações na aprendizagem quanto à ausência do afeto, bem como o papel dos gestores mediante as relações humanas.

O desenvolvimento humano constitui-se em uma área de grande complexidade, dados os inúmeros fatores envolvidos neste processo que podem influenciar diretamente na formação integral do indivíduo. No âmbito escolar, tem-se registrado consideráveis mudanças nos últimos 40 anos, que podem ser descritos como positivas, ao mesmo tempo em que se percebe uma intolerância crescente pela escola e pela prática pedagógica tradicional, junto às crianças e jovens.

Além desta situação, outras infinitamente mais preocupantes, são registradas. De acordo com Goleman (1997), nas últimas décadas, o número de homicídios entre adolescentes quadruplicou, o número de suicídios triplicou e os índices de violência infantil vêm aumentando consideravelmente. As crianças estão mais nervosas, agressivas e por mais irônico que possa parecer mesmo com grandes avanços registrados no campo psicopedagógico, as crianças estão aprendendo menos.

Vivemos numa época em que encontramos professores desmotivados, não sabendo lidar como os alunos, alunos “rebeldes”, “gritando” por mudanças, e até para que sejam “vistos”, na totalidade. Com suas histórias individuais, seus problemas familiares, realidades sociais e psicológicas que os perturbam.

Tais condições requerem atenção especial, devido ao fato de não apresentarem agentes biológicos e sim relacionarem-se a fatores que constituem de certa forma uma incógnita a quem com eles se depara, exigindo do professor, além do conhecimento técnico e pedagógico, o conhecimento da psique humana, para detectar a presença de sinais que denunciem as reais necessidades infantis,

pois de acordo com Piaget, “o desenvolvimento mental é uma construção contínua, comparável à edificação de um grande prédio que à medida que se acrescenta algo ficará mais sólido” (PIAGET, 1998, p. 12).

De todas as ferramentas disponíveis para a superação das dificuldades encontradas pelos alunos, sem dúvida a mais eficiente é o afeto. Através dele os gestores escolares conseguem demonstrar ao aluno, o quanto sua presença é importante, de forma a valorizar os aspectos positivos de cada criança, melhorando sua auto-estima, sua auto-valorização e conseqüentemente, tornando mais suscetíveis as influências construtivas desencadeadas nas atividades escolares. Nestas condições, enfatizar a importância do amor e da criação de vínculos afetivos na escola é fundamental para humanizar a educação e as relações estabelecidas entre professor e aluno, de modo que todos possam sair da escola plenamente satisfeitos.

Neste sentido cabe a gestão escolar estar integrada com todos os segmentos da comunidade escolar. Ela está caracterizada pela cooperação. Tendo em vista o sentido humano, social, educativo das relações pessoais, levando em conta a afetividade, emoção e prazer. Diz Bosi (2000, p. 84-85):

[...] um olhar ativo, de um prestar atenção [...] é muito importante prestar atenção no outro, em seus saberes, dificuldades, angústias, em seu momento em fim, um olhar atento, sem pressa, que acolha as mudanças, as semelhanças e diferenças um olhar que capte antes de agir.

De acordo com as colocações do autor, não somente ter um olhar ativo, mas também pressupõem saber ouvir e se colocar no lugar do outro e tudo isso está impregnado de afetividade, compreende relações humanas.

Partindo de tais pressupostos, a presente pesquisa caracteriza-se principalmente pelo enfoque dado à necessidade de cultivar-se o afeto nas relações estabelecidas, entre todos os elementos da comunidade escolar, a fim de verificar uma possível relação entre afetividade, aprendizagem e gestão escolar.

Sendo assim, a questão norteadora da pesquisa é: Qual a contribuição da afetividade na gestão escolar, nas séries/anos iniciais do Ensino Fundamental?

1.2 Objetivos

1.2.1 Objetivo Geral

Analisar as contribuições da afetividade na gestão escolar, nas séries/anos iniciais do Ensino Fundamental.

1.2.2 Objetivos Específicos

Analisar a articulação entre construção de conhecimento e afeto, nas séries/anos iniciais do Ensino Fundamental.

Compreender a contribuição da Gestão Escolar nas séries/anos iniciais do Ensino Fundamental.

Analisar as relações entre a afetividade e a Gestão Escolar nas séries/anos iniciais do Ensino Fundamental.

1.3 Encaminhamentos metodológicos

1.3.1 Caracterização teórico-metodológica da pesquisa

O estudo a ser realizado será de natureza qualitativa. A pesquisa é entendida como procedimento sistemático que procura responder aos problemas que afligem a sociedade. Constrói a aprendizagem considerando o conhecimento que já foi produzido.

Uma pesquisa é um processo sistemático de construção do conhecimento que tem como metas principais gerar novos conhecimentos e/ou corroborar ou refutar algum conhecimento pré-existente. É basicamente um processo de aprendizagem tanto do indivíduo que a realiza quanto da sociedade na qual esta se desenvolve. A pesquisa como atividade regular também pode ser definida como o conjunto de atividades orientadas e planejadas pela busca de um conhecimento(PILS, 2007, p. 1).

Uma abordagem metodológica de caráter qualitativo tem como característica o ambiente como fonte direta de dados, o pesquisador como principal instrumento. Há uma maior preocupação com o processo dinâmico, dá

maior ênfase ao significado que as pessoas dão as coisas, à vida, ao contexto, a construção a compreensão é o que vale, segue um processo indutivo de análise. Parte do fato, os dados são descritivos. O conteúdo é analisado, comparado, interpretado, aceita subjetividade, há uma concomitância entre ação e reflexão e tem como princípio o intencionalismo.

Segundo Portela (2009, p. 1):

Os pesquisadores que utilizam os métodos qualitativos buscam explicar o porquê das coisas, exprimindo o que convém ser feito, mas não quantificam os valores e as trocas simbólicas nem se submetem à prova de fatos, pois os dados analisados são não-métricos (suscitados e de interação) e se valem de diferentes abordagens.

Pesquisar, portanto, consiste na investigação humana sobre o mundo e sobre si mesmo, e na busca de solução para o problema enfrentado através da observação e da reflexão. Portanto a investigação realizada visa a satisfação da necessidade de analisar a contribuição da afetividade para a gestão escolar e, conseqüentemente, para a educação.

Aliás, a pesquisa precisa ser o primeiro instrumento usado pelos professores que acreditam que é possível melhorar a educação, pois é o ponto de partida para o conhecimento da realidade e para o planejamento de estratégias e ações consistentes e efetivas diante de tantos problemas enfrentados pela educação atual. Outro aspecto importante é que, através da pesquisa, é possível repartir com os demais os resultados e conclusões alcançados e contribuir para o desenvolvimento do ensino.

A presente pesquisa vem ao encontro das necessidades de esclarecimento sobre a importância da afetividade na gestão escolar, pois ao lidar com o coletivo é necessário que seja levado em conta o respeito pelas individualidades e que acima de tudo saiba-se conviver com o outro.

1.3.2 Procedimentos metodológicos: Pesquisa bibliográfica

O procedimento utilizado será a pesquisa bibliográfica sobre textos acadêmicos relacionados à Afetividade e Gestão Escolar. A pesquisa bibliográfica abrange a leitura, análise e interpretação de livros, periódicos, textos legais, documentos mimeografados ou xerocopiados, mapas, fotos, manuscritos etc. Todo material recolhido deve ser submetido a uma triagem, a partir da qual é possível

estabelecer um plano de leitura. Por tudo isso, deve ser uma rotina tanto na vida profissional de professores e pesquisadores, quanto na dos estudantes. Como explica Ruiz (1996, p. 58):

[...] Bibliografia é o conjunto dos livros escritos sobre determinado assunto, por autores conhecidos e identificados ou anônimos, pertencentes a correntes de pensamentos diversas entre si, ao longo da evolução da Humanidade. E a pesquisa bibliográfica consiste no exame deste manancial, para levantamento e análise do que já se produziu sobre determinado assunto que assumimos como tema de pesquisa científica. Isso porque a pesquisa bibliográfica tem por objetivo conhecer as diferentes contribuições científicas disponíveis sobre determinado tema. Ela dá suporte a todas as fases de qualquer tipo de pesquisa, uma vez que auxilia na definição do problema, na determinação dos objetivos, na construção de hipóteses, na fundamentação da justificativa da escolha do tema e na elaboração do relatório final.

O acesso à bibliografia pode ser feito de dois modos básicos: manualmente ou eletronicamente. O primeiro consiste em pesquisar diretamente nos livros de referências disponíveis e o segundo consiste no uso da internet com fonte de pesquisa. Fazendo com que se possam buscar subsídios que fundamentem a mesma.

Desta forma, o estudo passou pelas seguintes etapas:

- Elaboração do projeto e estudos de aprofundamento sobre o tema.
- Coleta de informações junto a diferentes autores.
- Análise e sistematização das informações coletadas.

Enfim, o procedimento metodológico, para os fins deste estudo, trata-se de uma leitura atenta e sistemática que se faz acompanhar por categorizações que, servem à fundamentação teórica que através da categorização simples, possibilitou a compreensão dos significados dados à Afetividade e a Gestão Escolar.

CAPÍTULO 2 ARTICULAÇÕES ENTRE ESCOLA, AFETIVIDADE E GESTÃO ESCOLAR

2.1 Escola: aprendizagem e relações necessárias

Este capítulo vai abordar fundamentos e conceitos referentes ao papel da escola, bem como a aprendizagem e as relações afetivas, o desenvolvimento afetivo na idade escolar e o papel dos gestores. Inicialmente cabe destacar alguns conceitos.

Conceito de escola segundo Barcelos (1993), é um lugar social da construção de aprendizagem tendo o conhecimento como suposto básico da formação do cidadão, pelo exercício concreto da cidadania, na participação, no diálogo, na construção da autonomia de pensamento e ação, na formação do homem coletivo sem despersonalizar o indivíduo.

Cabe a escola a construção do conhecimento necessário para que cada indivíduo possa atuar na sociedade de forma consciente e participativa.

Para Vieira, a escola tem sido ao longo da história a instituição que:

[...] trabalha com o conhecimento de forma sistemática e organizada. A ela cabe ensinar e garantir a aprendizagem de certas habilidades e conteúdos necessários à inserção das novas gerações na vida em sociedade, oferecendo instrumentos de compreensão da realidade e favorecendo a participação dos educandos em relações sociais diversificadas e cada vez mais amplas (CENPEC *apud* FERREIRA; AGUIAR, 2000, p. 140).

A fim de realizar os fins a que se destina, a escola necessita de uma organização específica. Em relação à organização e gestão escolar Libâneo (2005) é esclarecedor ao afirmar:

As instituições sociais existem para realizar objetivos. Os objetivos da instituição escolar contemplam a aprendizagem escolar, a formação da cidadania e a de valores e atitudes. O sistema de organização e gestão da escola é o conjunto de ações, recursos, meios e procedimentos que propiciam as condições para alcançar esses objetivos (p. 315).

Contudo, o que se percebe é o desvirtuamento do papel da escola e cabe aos gestores o desenvolvimento de ações que contemplem os objetivos próprios da instituição.

É preciso valorizar a escola como local de busca na formação integral do ser humano, pois na sociedade atual, o poder dominante oprime e se a família e a escola não se unirem na busca de alternativas de conhecimentos para melhor

auxiliar na construção da personalidade dos educandos. Estes estarão submetidos à classe social que explora e exclui os menos favorecidos.

Para quebrar o círculo vicioso de desvalorização da educação em que os alunos estão inseridos e despertá-los para o poder e a importância de construir a própria história, é preciso fazê-los refletir sobre suas escolhas, incentivá-los a construir regras de convivência e direcionar sua atuação a fim de comprometê-los com sua própria aprendizagem. Para haver evolução precisa haver reciprocidade, equilíbrio de poder e afetividade entre todos os envolvidos.

Assim, é preciso partir do contexto social dos alunos e suas múltiplas relações. Direcionar temas que provoquem um diálogo mais aberto entre pais e filhos, escola e educandos. Buscar junto aos pais, um maior conhecimento no que se refere ao processo de desenvolvimento da criança, suas fases e suas limitações, bem como os problemas que uma relação desestruturada pode causar na formação, auto-estima e na aprendizagem da criança. Levar a família e a escola a trocar experiências que possibilitem um posicionamento crítico dos problemas enfrentados pelos pais e escola, neste contexto de educandos com dificuldades de socialização, problemas familiares e escolares.

Em relação à realidade vivenciada em sala de aula onde alguns alunos aprendem, outros não e muitos alunos apresentam os mais variados problemas de aprendizagem e comportamento cabe destacar a posição de Wallon ao afirmar que só podemos entender as atitudes da criança se entendemos a trama do ambiente no qual está inserida (GALVÃO, 1995).

Neste sentido salienta Almeida (2002, p. 69):

[...] seu saber profissional comporta um forte componente ético e emocional [...] o gestor precisa conhecer e valorizar a trama das relações interpessoais, nas quais, ele [...] está inserido [...].

Ao lidar com seres humanos, precisa desenvolver uma relação calorosa e autêntica, ajudando a buscar soluções frente aos conflitos. Sendo também o mediador das relações professor aluno, na busca do entendimento e do conhecimento, através da reflexão conjunta, do diálogo e do planejamento coletivo. Ele é um articulador tanto no processo do conhecimento como nas relações.

Os componentes afetivos estão no núcleo do desenvolvimento intelectual e social das crianças e os afetos são também uma parte importante do meio. O conhecimento do meio deve proporcionar ao alunado um conhecimento

de saberes que permita conhecer-se a si mesmo e conhecer a realidade física e humana do ambiente em que vive. (ORENO, 2002, *apud* AFONSO, 2006, p. 9).

“A afetividade é um dos principais elementos do desenvolvimento humano. A emoção se encontra na origem da consciência, operando passagem do mundo orgânico para o social, do plano fisiológico para o psíquico” (GALVÃO, 1995, p. 41).

Portanto, a afetividade é usada com uma significação mais ampla, isto é, ela se refere à vivência do indivíduo e suas formas de expressão.

Quanto ao afeto, o autor Chalita (2001, p. 17) é incisivo ao afirmar: “Por melhor que seja a escola, por mais bem preparados que sejam seus professores, nunca a escola vai suprir a carência deixada por uma família ausente”.

Cabe aqui refletir sobre a relação família e escola, tão importante para a formação do aluno:

A relação entre escola e pais não é tão simples, informar e envolver os pais também faz parte das atribuições dos professores. [...] o diálogo com os pais é fácil de ser assumido na teoria, enquanto, na prática, quando inexistente a confiança e aparecem preconceitos, suspeitas, críticas, a tentação de esgotar o diálogo é bem real (PERRENOUD, 2000, p. 113).

Porém, sabe-se que é necessário, para que a escola não assuma tudo sozinha. Essa parceria é possível, fecunda e desenvolve confiança mútua.

Informar e envolver os pais é, portanto, uma palavra de ordem e ao mesmo tempo, uma competência. O referencial aqui adotado contém três componentes dessa competência global: dirigir reuniões, de informar e de debater[...] (PERRENOUD, 2000, p. 114).

Dessa forma, como diz na citação acima, reunir os pais, não para tratar assuntos isolados de um único caso e sim de início de ano letivo, apresentar sistema de trabalho, tomar decisões, debater idéias, colher informações, tomando cuidado que não haja explosões de angústia e desgostos. Outra competência é fazer entrevista, sabendo se situar claramente. Sendo assim a importância das relações afetivas positivas entre todos os envolvidos no processo ensino aprendizagem, ou seja, os pais, os alunos, os professores e os gestores, numa ação conjunta e comum.

Wallon (*apud* GALVÃO, 1995, p. 43), vê o desenvolvimento da pessoa como uma construção progressiva em que se sucedem fases com predominância

alternadamente afetiva e cognitiva. “As atividades predominantes correspondem aos recursos que a criança dispõe para interagir com o ambiente naquele momento”.

Para o autor existe uma predominância funcional onde a momentos predominantemente afetivos, subjetivos e de acúmulo de energia aos quais se sucedem outros que são predominantemente cognitivos, isto é, objetivos e de dispêndio de energia. “A dominância do caráter afetivo e das relações com o mundo humano corresponde às etapas que se prestam a construção do eu” (GALVÃO, 1995, p. 56).

Sabendo-se da importância da afetividade para a construção do eu, também é fundamental refletir sobre a emoção que é o primeiro e mais forte vínculo entre os indivíduos, através dela ocorrem os gestos, a mímica, o olhar, a expressão facial.

Para Wallon (2007), têm papel preponderante no desenvolvimento da pessoa. É por meio delas que o aluno exterioriza seus desejos e suas vontades. Em geral são manifestações que expressam um universo importante e perceptível, mas pouco estimulado pelos modelos tradicionais de ensino.

Conforme Galvão (1995), as emoções, assim como os sentimentos e os desejos, são manifestações da vida afetiva, no entanto, afetividade é um conceito mais abrangente. As emoções possuem características específicas que as distinguem de outras manifestações da afetividade. São sempre acompanhadas de alterações orgânicas, e provocam alterações na mímica facial, na postura, na forma com que são executados os gestos.

Nesse sentido, nota-se que:

As emoções podem ser consideradas, sem dúvida, como a origem da consciência, visto que exprimem e fixam para o próprio sujeito, através do jogo de atitudes determinadas, certas disposições específicas de sua sensibilidade. Porém, elas só serão o ponto de partida da consciência pessoal do sujeito por intermédio do grupo, no qual elas começam por fundi-lo e do qual receberá as fórmulas diferenciadas de ação e os instrumentos intelectuais, sem os quais lhe seria impossível efetuar as distinções e as classificações necessárias ao conhecimento das coisas e de si mesmo. (WALLON *apud* GALVÃO, 1995 p. 63-64)

O autor evidencia que é através da socialização, da convivência com o outro que vão surgindo laços afetivos os quais são determinantes para a construção do conhecimento. A educação hoje caminha na busca de novas alternativas para superar os problemas decorrentes de uma sociedade dominante, a escola tem papel

fundamental neste contexto, cabe-nos estudar o papel dos gestores frente a estas mudanças.

2.2 Desenvolvimento afetivo da criança

Neste item iremos relatar e buscar comprovações sobre como se dá o desenvolvimento emocional da criança nas três infâncias, com enfoque especial ao desenvolvimento afetivo na idade escolar.

Muito antes de pensar e expressar-se, o homem sente. Muito antes da conquista da linguagem e da evidência de pensamento relacional consciente, o ser humano é movido por estados de consciência tão específico que o levam a agir de modo nitidamente emocional (RODRIGUES, 2002, p. 459).

O ser humano é ser emocional, essas emoções constituem um fenômeno social. A estrutura emocional é determinada pelas relações interpessoais e movido pelos grupos sociais que se convive.

Quando nasce, a criança apresenta um estado de excitação geral, é na convivência com o meio que as emoções vão se definindo. Depende das condições sociais do indivíduo e de sua vida para que sua afetividade desenvolva-se. No início da vida, as sensações são de desagrado e agrado e visa atender ao instinto de sobrevivência, necessidades vitais, sendo assim aparecem o grito, o choro, que são representações de sensações de frio, dor, fome etc. Aos três meses já define e apreende a alegria e a tristeza. O sorriso aparece como resposta emocional, todo mundo afetivo se estrutura.

O desenvolvimento da inteligência e da afetividade estão interligados. É através de construções, descobertas e aprendizagens que o ser humano se estrutura como um todo. Ao nascer traz consigo um potencial intelectual deflagrado pelo ambiente. O recém nascido não faz uso da razão, ele reage aos estímulos e assim vai se adaptando e desenvolvendo a inteligência. Se não percebesse a realidade as emoções não se definiam. Graças à inteligência que as emoções desenvolvem-se e definem-se. “O amor, o medo, a agressividade, a alegria e a curiosidade são algumas das emoções primárias descritas pelos estudiosos do comportamento como determinantes do processo de desenvolvimento individual” (RODRIGUES, 2002, p. 60).

O desenvolvimento do amor no ser humano e de suas capacidades afetivas está ligado às necessidades vitais e a mãe é responsável por isso, é decisiva sua participação, tanto na capacidade para o amor como para a agressividade é até certo ponto, constitucional, embora varie individualmente em força e interaja desde o começo com as condições externas. Neste sentido, a boa mãe condiciona o filho a identificar-se positivamente consigo. É esta empatia, que se verifica entre os cinco e os sete meses, é a base da capacidade de amar.

Segundo Weber (2004), a criança cuja mãe é má, que não entende as necessidades de alívio e satisfação do filho, que não lhe transmite segurança e carinho, nem estímulos afetivos, é agressiva. Conseqüentemente essa criança também será agressiva e insegura. A necessidade do afeto, de amar e ser amado são fundamentais e torna seres humanos resolvidos na vida e capazes de gerenciar qualquer conflito consigo mesmo e com os outros.

Zagury (1999), diz que a afeição pelos adultos desenvolve-se primeiro, depois pelas crianças. Por volta dos dez meses pelo adulto e pelas crianças por volta dos quinze meses. O clima emocional no lar é fundamental para que a criança desenvolva a afetividade de maneira sadia e positiva. Para que a criança sinta-se segura, tenha bom relacionamento no meio social, amigos, escola e auto-estima elevada.

Durante a infância a criança vive toda realidade de seu ser, pois é egocêntrica e a auto-estima está bem presente. Desenvolve-se a partir do Eu, mas não é egoísta e má, é uma característica dessa fase.

Ela descobre aos dois anos que sua mãe e ela são seres separados, que tem destino próprio e é um ser singular e diferente dos demais. Orgulha-se dela mesma, ama-se incondicionalmente e se opõe com violência aos adultos, tendo uma verdadeira crise de obstinação querendo preservar sua individualidade. Surgem as birras e a agressividade se impõe, até os quatro anos, apresenta esse comportamento.

A raiva que aparece aos quatro meses é altamente positiva é a primeira evidência de um sentimento de dignidade. Se o ser humano fosse desprovido de agressividade não sobreviveria ao nascimento e é justamente a sua existência que protege o homem no e para o ambiente garantindo ao ser humano a função de agenciador de seu próprio destino (RODRIGUES, 2002, p. 66).

A agressividade é natural no homem e existe como forma de defesa da integridade física e psicológica do indivíduo. Por esse motivo que a criança aprende logo cedo como defender-se e até mesmo manifestar seu desagrado diante de algo que não gostou.

Fernández (2001) afirma que a criança na idade escolar apresenta medos relacionados a privações, insucessos, ridículos, segurança e situações semelhantes. Criança psicologicamente sadia é alegre, apresenta espírito crítico e senso de humor. É uma explosão viva de entusiasmo e agilidade. Criança alegre é curiosa, observadora e ligada ao mundo e em tudo ao seu redor. Se ela for reprimida no meio onde vive perderá a alegria de viver.

Viver para ela é ser e ter liberdade. Isto é a fonte de onde surgem todos os sentimentos e significados de sua vida e todos os valores. O direito à igualdade e de oportunidades humanas. Não só o afeto é necessário na formação, mas também a confiança.

Segundo Piaget (1983), crianças livres e seguras, sem repressão ou excessos, jamais farão o que os outros fazem ou sugerem que seja feito, ela saberá decidir o que é bom para ela. Neste sentido, seu desenvolvimento vai ser de forma harmônica. Entre 9 e 11 anos com plena consciência do eu, é autônoma e descobre a força do grupo. Ela é sociável e sabe que precisa do outro para viver melhor, caracteriza-se pela idade da turma. Embora poderoso quando em grupo, sente-se fraco quando só e diante da autoridade adulta.

A expressão emocional das experiências da criança já não se faz tanto pelos exageros, esquecimentos e omissões, mas, sobretudo pela atenção e detalhes. Sendo assim, o afeto é um fator primordial para o desenvolvimento da criança em todas as fases. Ninguém vive sozinho e são nas relações afetivas que se constroem conhecimentos, por sermos seres sociáveis, nos relacionamos e nos desenvolvemos. Observe o quadro abaixo a seqüência do desenvolvimento emocional.

Quadro 1 Seqüência do Desenvolvimento Emocional

Emoção	Idade Aproximada do Aparecimento
Interesse Desconforto (em resposta a dor) Aversão (em resposta a um gosto ou cheiro desagradável)	Presente no nascimento ou logo após o mesmo
Raiva, surpresa, alegria Medo, tristeza	Primeiros seis meses
Empatia, ciúme, embaraço	18-24 meses
Vergonha, culpa, orgulho	30-36 meses

Fonte: Izard e Malatesta, Lewis apud Papalia (2000, p. 155).

De acordo com o que é apresentado nas obras de Piaget (1983), verifica-se que o desenvolvimento intelectual apresenta duas vertentes: o cognitivo e o afetivo. O desenvolvimento afetivo ocorre de forma paralela ao desenvolvimento cognitivo, influenciando de forma determinante o desenvolvimento intelectual. O aspecto afetivo por si só não pode modificar as estruturas cognitivas, mas pode influenciar que estruturas modificar.

Se o desenvolvimento afetivo se dá paralelamente ao desenvolvimento cognitivo, as características mentais de cada uma das fases do desenvolvimento serão determinantes para a construção da afetividade. Quando examinamos o raciocínio das crianças sobre questões morais, um dos aspectos da vida afetiva, percebemos que os conceitos morais são construídos da mesma forma que os conceitos cognitivos. Os mecanismos de construção são os mesmos. As crianças assimilam as experiências aos esquemas afetivos do mesmo modo que assimilam as experiências às estruturas cognitivas.

Para Piaget (1983, p. 21) “existe, com efeito, um paralelo constante entre a vida afetiva e a intelectual”. Este paralelismo acompanhará a criança da infância até adolescência. O afeto por si só não consegue formar as estruturas cognitivas, mas pode acelerá-las no caso de haver interesse e necessidade. Ao passo que pode retardá-la, quando a afetividade torna-se um empecilho para o desenvolvimento intelectual. Na medida em que ocorrem desajustes na afetividade, a cognição pode ser prejudicada e mesmo havendo um retorno ao equilíbrio afetivo, a área cognitiva irá apresentar alterações.

Os sentimentos elementares de alegria e tristeza, de sucessos e fracassos, etc., serão experimentados em função desta objetivação das coisas e das pessoas, originando-se daí os sentimentos interindividuais. A “escolha

(afetiva) do objeto”, que a psicanálise opõe ao narcisismo, corresponde à construção intelectual do objeto, assim como o narcisismo correspondia à indiferenciação entre o mundo exterior e o eu. Esta “escolha do objeto” refere-se primeiramente, à pessoa da mãe, depois (em negativa como positivo) à pessoa do pai e dos próximos. Talvez seja o começo das simpatias e antipatias que se vão desenvolver tão amplamente no curso do período seguinte (PIAGET, 1983, p. 23).

Com os aspectos sociais sendo transformados, a vida afetiva também será alterada e, segundo Pessoa (2000, p. 8), “em toda conduta, as motivações e o dinamismo energético provêm da afetividade, enquanto as técnicas constituem o aspecto cognitivo”. Não existe uma ação puramente intelectual ou puramente afetiva. Os dois elementos intervêm na conduta e um interfere sobre o outro.

Dos 2 aos 7 anos, que iniciou no estágio anterior, os sentimentos interindividuais (afeições, simpatias) são desenvolvidos e estão diretamente ligados ao processo de socialização da ação e o interesse pelo objeto acontece na medida em que exista uma necessidade.

Neste estágio a criança volta-se para os desenhos, palavras, imagens e surgem os sentimentos de superioridade ou inferioridade, conforme ocorram os sucessos ou fracassos nas atividades desenvolvidas.

Entre os dois e sete anos, a criança também libera os sentimentos que nascem das relações com outras pessoas, podendo haver simpatias por aquelas que atendam as suas necessidades e interesses, valendo a mesma regra para a antipatia.

Inicia-se ainda, os sentimentos morais, explicados a abaixo:

São dependentes de uma regra exterior, a vontade dos seres mais velhos, que são respeitados. Regras de conduta são colocadas, e a criança as aceita e reconhece por haver respeito unilateral: o respeito da criança ao mais velho, não sendo respeito recíproco. Quando o respeito se torna mútuo, os sentimentos morais serão autônomos e não mais impostos, porque a criança respeita o outro e é respeitada por ele, e compreendida em seus sentimentos (PESSOA, 2000, p. 105).

Para Piaget (1983, p. 40), “a primeira moral da criança é a da obediência e o primeiro critério do bem é durante muito tempo, para os pequenos, a vontade dos pais.” Assim, a moral da primeira infância depende de uma vontade externa. As crianças deveriam criar suas regras externas, quando pudessem construí-las por sua própria vontade. No entanto, o que acontece é que as regras morais chegam até as crianças através da autoridade dos adultos, que lhe solicitam obediência.

O desenvolvimento da autonomia deve ser baseado no respeito entre todas as partes, onde cooperação não pode estar relacionada com obediência. Uma criança só tem condições de desenvolver sua autonomia, quando o adulto reduz o seu poder, evitando a desigualdade que pode existir entre o “mais forte” e o “mais fraco”.

Segundo Piaget (1983, p. 32) o desenvolvimento ocorre pela diferenciação e coordenação de esquemas. Indivíduos devem também tornar-se verdadeiramente diferenciados de outros. Na medida em que um indivíduo pode escolher e decidir, ele tem a possibilidade de cooperar voluntariamente com os outros e construir seu próprio sistema moral de convicções. Por outro lado, na medida em que ele não se permite escolher e decidir, ele estará apto somente a seguir a vontade dos outros.

Apesar de insistir na importância de permitir a criança escolher e decidir, Piaget reconhece que não pode haver uma liberdade sem limites e que os pais precisam ter consciência das necessidades e das formas de “coagir” a criança, para que a mesma possa viver em sociedade. Diante de regras consideradas imprescindíveis para as crianças, os adultos utilizam sanções, as quais, aos serem aplicadas, devem ter um mínimo de lógica, entre o ato que será punido e a punição escolhida.

Piaget, em seu livro sobre desenvolvimento do juízo moral, inicia sua pesquisa pelos jogos e regras, dividindo a consciência das regras em três etapas, conforme o Quadro a seguir:

Quadro 2 Consciência das Regras

ANOMIA	Fase em que a criança está centrada em si mesma, onde ela joga consigo mesma, sem compartilhar com o outro e sem conseguir seguir regras coletivas. Este período se prolonga até cerca dos seis anos.
HETERONOMIA	A criança ao assimilar que o outro também existe, também percebe a necessidade de regras, de hierarquia, de autoridade para participar de atividades coletivas. O dever moral, segundo Piaget só é possível a partir desta fase, quando a criança inicia a construção do valor moral.
AUTONOMIA	Nesta fase, já adulta, o indivíduo pode optar pelas leis e regras para se integrar na convivência social.

Fonte: Piaget (1983).

Conforme Piaget (1983), as crianças bem pequenas podem sofrer processos de coação, assim como as pessoas que ainda não conseguem ter autonomia e elaborar pensamento crítico sobre o universo no qual estão inseridas.

No processo de desenvolvimento humano, as noções de justiça, os julgamentos e a lógica da legalidade começam a ser formadas desde a infância. Todavia, “é na juventude – quando as relações de cooperação, autonomia e construção de democracia se fazem presentes – que esses conceitos são aperfeiçoados” (PAULA; MENDONÇA, 2007, p. 71).

Quando o adulto coloca a sua sanção de forma clara para a criança, ele estará usando apenas uma parte de seu poder, permitindo que ela possa agir de forma voluntária, criando as suas próprias regras morais.

Para que a criança possa se desenvolver com autonomia, com estabilidade e apta para viver em sociedade, exercendo um papel ativo, é preciso que seja salvaguardado, o respeito mútuo entre adultos e crianças.

De acordo com Piaget (1983), tanto o adulto como a criança sentem-se mais a vontade para obedecer, quando ao invés de receberem uma ordem, são solicitados ou convidados a realizar uma ação. Quando a ordem é substituída por um pedido, fica subentendido uma relação de respeito e uma desigualdade no que se refere ao poder exercido.

Dos 7 aos 9 anos ocorre uma transformação profunda na afetividade. Diz Piaget (1983, p. 56):

Na medida em que a cooperação entre os indivíduos coordenam pontos de vistas em uma reciprocidade que assegura tanto a autonomia com a coesão, e na medida em que, paralelamente, o agrupamento das operações intelectuais situa os diversos pontos de vista intuitivos em um conjunto reversível, desprovido de contradições, a afetividade entre os sete e os doze anos, caracteriza-se pela aparição de novos sentimentos morais e, sobretudo por uma organização da vontade, que leva a uma melhor integração do eu e a uma regulação da vida afetiva.

Nesta fase, segundo a colocação na citação acima, é necessário que, para relacionar-se no grupo, haja um respeito pelo outro e pelas suas opiniões, em função da cooperação, ou seja, o mútuo respeito.

Para Piaget (1983, p. 57),

[...] o respeito mútuo conduz a formas novas de sentimentos morais, distintas da obediência exterior inicial. Podem-se citar, em primeiro lugar, as transformações referentes ao sentimento de regra, tanto a que liga as crianças entre si, como aquela que as une ao adulto.

Quer dizer, nesta fase, entendem que vivem em um mundo de regras que devem ser obedecidas para que haja uma melhor convivência e aceitação no grupo. Da mesma forma quando obedecem a uma regra de uma brincadeira infantil, por exemplo, para que possam brincar. Como uma espécie de contrato entre os jogadores, os quais o respeitam, pois a regras passa a ser um acordo entre os companheiros, desta forma o respeito mútuo leva a vários sentimentos morais, tais como: honestidade, companheirismo, compreensão da mentira, pois nesta fase, enganar um amigo é mais grave que mentir para um adulto.

Nasce aqui, também o sentimento de justiça, pois, segundo Piaget (1983), esse é muito grande entre os companheiros e influencia nas relações entre crianças e adultos.

O estudo da seqüência do desenvolvimento emocional da criança é de grande importância para a presente pesquisa tendo em vista que assim é possível constatar a influência da afetividade no desenvolvimento e na aprendizagem dos educandos e o papel dos gestores neste contexto, conforme se verificará no item seguinte.

2.3 Relações entre conhecimento, afetividade e gestão escolar

Chalita (2001) relaciona afetividade com educação, educação para a felicidade e para a vida, aborda a importância da pedagogia do afeto. Declara que desde as mais remotas civilizações, a convivência social foi um grande desafio. Todos querem, cada um a sua maneira, encontrar a felicidade. O ser humano é social, não vive sem o outro e, sem o outro, não consegue ser feliz. Cada um é único. Sonhos, medos, alegrias, desesperanças. Nesse paradoxo se percebe a importância da arte de educar:

Educar é um ato de cumplicidade, de troca, de amor. Educar é ato de vida, o caminho e o encontro da felicidade. Educar é arquitetar e construir o futuro, é o abnegado ofício de plantar e colher. O grande desafio da sociedade contemporânea está aí: educar! Garantir pelo conhecimento, a liberdade e o desenvolvimento dos povos. O problema econômico mundial passa pela educação. Povo educado tem mais higiene, conseqüentemente mais saúde. Povo educado trabalha melhor, portanto tem mais produtividade. Ou seja, com bons níveis educacionais se gasta menos, se ganha mais (CHALITA, 2001).

Goleman (1995) diz que o segredo para o sucesso na vida repousa numa combinação bem temperada de pensamento racional agudo com o autocontrole e

auto-conhecimento. Na área pedagógica o bem-estar deve ser estabelecido por todos os segmentos que a compõe, pois ao lidar com seres humanos, estamos constantemente sofrendo intervenções emocionais. E nas emoções é que encontramos o fator preponderante para o nosso equilíbrio e bem-estar.

A razão e a emoção vinculadas com noções de valores completam as atitudes do ser humano em seu cotidiano escolar facilitando a aprendizagem. O afeto na escola é fundamental para a alegria de viver e a inclusão de todos os alunos. E para construir a escola que preencha esses requisitos, é preciso uma experiência de amor. Uma educação emocional. Segundo Chalita (2001) a grande tragédia educacional do nosso tempo é a triste constatação que nossas crianças e adolescentes, mesmo possuindo um bom potencial intelectual, apresentam-se como alunos medíocres para questões de ordem emocional, que surgem mascarados muitas vezes pelos famosos problemas de conduta, trazendo à tona a indisciplina, vilã das salas de aula. Ou por outro lado, temos alunos que embora não sejam indisciplinados, não conseguem aprender. Assim temos um sentimento de perda, tanto para os professores quanto para os alunos. Como conquistar então a atenção e o respeito?

Em relação às preocupações supracitadas o mesmo autor esclarece que o autoritarismo nunca é um bom caminho para nada. É preciso conquistar os alunos por meio do respeito, do afeto e das trocas produtivas de conhecimentos que se estabelecem no dia-a-dia.

A eficiência da aprendizagem do aluno está diretamente ligada ao seu estado emocional. Quando a tensão é muito intensa impede a aprendizagem. Como nos ensina Goleman (1997, p. 97) “a maior contribuição que a educação pode dar ao desenvolvimento de uma criança é ajudá-la a encaminhar-se para um campo onde seus talentos se adaptem melhor, onde ela será feliz e competente”

Aprender com prazer se constrói na intimidade de uma relação afetiva sedimentada ao longo de um conviver harmonioso. Com os nossos afetos, compartilhamos todas as vivências e são estes laços, que nos sustentam e nos estimulam a enfrentar obstáculos, convertendo-os em desafios. “As relações afetivas na interação professor–aluno são essenciais para a aprendizagem, sendo fundamentais para a expansão das atividades e do pensamento do ser humano, proporcionando condições para a construção da consciência” (WALLON apud LEITE; TASSONI, 2009, p. 12).

O objetivo de qualquer professor é ter alunos felizes, pois um aluno feliz é inteiro como ser humano e descobre seu potencial interno.

Para PRH¹(1997, p. 259), descobrir o potencial interno é “ajudar a pessoa a se tornar o que é, a encontrar aquilo para que ele é feito, e ajudar a ocupar o seu lugar na sociedade”.

Ao longo do tempo, os processos educativos tradicionais deixaram de lado o sujeito e suas emoções, relegando as várias dimensões do todo humano. Mas se queremos uma educação inclusiva precisamos considerar o indivíduo em sua totalidade na qual a afetividade e intelecto se relacionam.

Por isso acreditamos que é importante que a escola construa práticas pedagógicas que contemplem as necessidades dos alunos, a possibilidade de aprendizagem, dando-lhes condições e autonomia para que façam seu aprendizado umas com as outras, e também com seus erros, sem discriminação, preconceito ou medo.

De acordo com Freire (1996), ensinar não é apenas transmitir conteúdos, mas também poder gerir relações com o sabe. O conceito de educar é muito maior do que simplesmente ministrar as disciplinas tradicionais do currículo escolar. Educar é preparar para a vida, para o trabalho e para os inúmeros desafios que compõem as trajetórias humanas, incluídas nesse processo a transmissão das disciplinas tradicionais. Para Freire (*id.* p. 136) ensinar, dentre tantas coisas mais “exige querer bem aos educandos”:

É preciso que saibamos que, sem certas qualidades ou virtudes como a amorosidade, respeito aos outros, disponibilidade à mudança, tolerância, humildade, gosto pela alegria, gosto pela vida, abertura ao novo, persistência na luta, recusa ao fatalismo, identificação com a esperança, não é possível a prática pedagógica progressista, que não se faz apenas com ciência e técnica.

Não se quer dizer com isso que as disciplinas existentes no currículo devam ser negligenciadas. Pelo contrário, elas são parte integrante do processo de aprendizado e extremamente necessárias à vida do aprendiz. Apenas alertamos para o modo como esse conhecimento precisa ser conduzido na escola. A missão do professor é instigar a curiosidade e a sede de saber de seus alunos. Nesse sentido, tem de tecer correlações entre essas disciplinas e a realidade do estudante.

¹ PRH (Personalidade e Relações Humanas) é uma escola internacional de formação humana criada na França há mais de 30 anos e hoje presente em 37 países.

No universo cada vez mais competitivo que ora vivemos, à escola coube a tarefa de preparar as pessoas para a vida como um todo, de construir pessoas capazes de exercerem sua cidadania de forma plena. Nesse contexto a função do professor tornou-se ainda mais importante e passou a exigir maior empenho e dedicação.

Ao professor cabe a missão de edificar em seus alunos os princípios morais: dignidade, fraternidade, amor ao próximo, honestidade e outros valores nobres responsáveis pela harmonia da vida em sociedade. Cabe aos professores preparar seus alunos não apenas para o vestibular, mas para uma vida cada vez mais repleta de desafio.

No mundo globalizado, para que o professor consiga cumprir o seu compromisso de preparar de forma ampla para a vida cada um de seus alunos, é preciso ter em mente mais do que um bom projeto pedagógico, um bom aparato didático – é indispensável ter coragem e dar afeto.

No dizer de Freire (1996, p. 161):

É preciso [...] reinsistir que não se pense que a prática educativa, vivida com afetividade e alegria, prescindia de formação científica séria, da clareza política dos educadores e educadoras. A prática educativa é tudo isso: afetividade, alegria, capacidade científica, domínio técnico a serviço da mudança [...]

Diante de um mundo tão competitivo e individualista, onde o ter é mais importante do que o ser, Chalita (2001, p. 264) questiona como educar e nortear a vida em sociedade e declara que “a solução não está em mais agressividade nem em armamentos modernos. A solução está no afeto,[...] Educação – o afeto é a solução”.

Chalita (2005) através da análise de dez histórias da literatura universal resgata valores presentes nas obras e dessa forma nos aponta caminhos para educar nossas crianças e jovens para a vida, resgatando a amorosidade, a ternura e a pureza, princípios básicos para ser feliz e fazer o outro feliz. Neste sentido constata-se que a afetividade precisa estar presente na gestão, seja ela por parte da equipe diretiva ou por parte do professor, alunos e pais, pois todos fazem parte da gestão educacional.

Um currículo desenvolvido a partir da interdependência existente entre todos os fenômenos da natureza, não pode ser compreendido e apresentado como um pacote fechado. Um currículo em aberto reconhece a ação do sujeito em interação

com os outros, com o meio ambiente, com a cultura e o contexto, constituindo-se um currículo em ação, permanentemente negociado e renegociado com o que acontece nos momentos de ensino-aprendizagem, que está de acordo com o pensamento de Freire (1992).

A educação através de diálogo aberto gera um movimento de reflexão fruto das interações entre educador e educando, educando e seu contexto, escola e comunidade. Através desses diálogos que os alunos mantêm consigo mesmos, com os outros, com a cultura e o contexto, é que ocorre a aprendizagem. Portanto, o grande desafio do professor é garantir o movimento, o fluxo de energia, a riqueza do processo, a manutenção do diálogo permanente.

Segundo Freire (1996) o aluno é um indivíduo repleto de culturas e de saberes desenvolvidos fora da escola, que vem a ela em processo de formação, aberto, inacabado, curioso, inteligente, é um ser que merece todo o respeito e toda a dignidade no ato de aprender:

O respeito à autonomia e à dignidade de cada um é um imperativo ético e não um favor que podemos ou não conceder uns aos outros [...] O professor que desrespeita a curiosidade do educando, o seu gosto estético, a sua inquietude, a sua linguagem, mais precisamente, a sua sintaxe e a sua prosódia [...] transgride os princípios fundamentalmente éticos de nossa existência. (*id.* p. 66)

Assim, para o desenvolvimento escolar de uma criança é de suma importância não só o saber científico do professor, mas também o espaço dado aos valores inerentes à formação tanto do caráter como do senso crítico:

Quando entro em sala de aula devo estar sendo um ser aberto a indagações, à curiosidade, às perguntas dos alunos, as suas inibições; um ser crítico e inquiridor, inquieto em face da tarefa que tenho – a de ensinar e não a de transferir conhecimento (*id.* p. 52)

O ser humano é um constituído de corpo e mente, sentimento e espírito, dotado de uma dimensão social, que necessita educar-se ao longo da vida, desenvolver-se não apenas fisicamente, mas, sobretudo um crescimento interior, de auto-conhecimento para transformar sua realidade e também compreender a natureza do outro, condição para criar um mundo de paz, de alegria e felicidade.

Aprendizagem é um processo que, uma vez iniciado com o nascimento, só finda coma a morte. Isto significa que sempre estamos aprendendo algo, em qualquer etapa e em qualquer situação e na medida em que aprende varia nosso comportamento, nossa ótica, nosso enfoque. É através da aprendizagem que o

homem transforma o meio, “[...] é inferida quando ocorre uma mudança ou modificação no comportamento, mudança esta que permanece por período relativamente longo durante a vida do indivíduo.” (GAGNÉ, 1980, p. 74). Sendo assim, é um processo e uma função, que vai além da escola e que não depende somente da criança, depende da interação com o meio, sua relação com o saber com os sujeitos da aprendizagem. A forma como o mediador conduz o processo encaminhará o mesmo para que tenha uma função transformadora da vida e do mundo.

O conhecimento, não pode ser transmitido diretamente em bloco. Não se transmite conhecimento em verdade, mas sinais desse conhecimento para que o sujeito possa transformar e reproduzir. O conhecimento é conhecimento do outro, mas também é preciso conhecer o outro, quer dizer pô-lo no lugar do professor e conhecê-lo como tal.

Não aprendemos de qualquer um, aprendemos daquele a quem outorgamos confiança e direito de ensinar. A aprendizagem é então, uma das funções para a qual estes níveis podem inter-relacionar-se com o exterior e por sua vez conformar-se, a si mesmo, em um processo dialético (FERNÁNDEZ, 2001, p. 68).

Fernández (2001) afirma que se aprende daqueles, com os quais criamos vínculos afetivos, aprende-se para alguém, é um processo externo, que se dá através do diálogo com o outro.

Mediante todas essas informações sobre aprendizagem cabe aqui refletir sobre o papel do gestor, pois ele é o elo entre todos esses acontecimentos, enquanto escola:

O papel da escola, então passa a ser o de fermentar a experiência do sujeito a incansável aventura humana de desconstrução e reconstrução, no campo do pensamento, dos processos subjacentes à realidade dos fatos cotidianos, na incessante busca de uma visão mais dilatada de suas múltiplas determinações e dos diferentes pontos de vista sobre eles (AQUINO, 2000, p. 97).

Percebe-se que cabe a escola proporcionar metodologias variadas para essa incansável busca do conhecimento, que implica em desconstrução e reconstrução do saber, porque os conhecimentos que carregamos conosco são transformados em outros conhecimentos novos, e assim sucessivamente até o fim de nossas vidas.

E diz ainda Aquino (2000, p. 97): “É necessário, pois, reinventar continuamente os conteúdos, as metodologias, as relações, o cotidiano.” E aí está o papel do gestor na construção do conhecimento, reflexão, ação. Refletir sobre o

aluno que se tem e o cidadão que se quer formar, sobre conteúdos e metodologias. Essa reflexão parte da construção do plano político pedagógico, que se dá de forma conjunta, coordenada pela gestão. Pois diz Gadotti (2000, p. 35)

A autonomia e a gestão democrática da escola fazem parte da própria natureza do ato pedagógico[...] A gestão democrática da escola implica que a comunidade, os usuários da escola sejam os seus dirigentes e gestores e não apenas os seus fiscalizadores[...] na gestão democrática pais, mães, alunas, alunos, professores e funcionários assumem sua parte do responsabilidade pelo projeto da escola.

Partindo desta definição inicia-se o processo de construção de saberes necessários a cada realidade escolar. O Projeto pedagógico vai norteando os conhecimentos a serem desenvolvidos a partir das realidades encontradas. O Planejamento e a organização do tempo pedagógico, os conteúdos, as metodologias, as normas e demais atividades que envolvem a escola fazem parte do currículo escolar e precisam estar sobre o olhar atento dos gestores e condizentes com a proposta pedagógica da instituição.

Portanto o gestor está diretamente envolvido com a construção do conhecimento e atento às dificuldades, as necessidades de todo o grupo. Precisa também estar informado sobre legislação e proporcionar formação e informação a toda comunidade escolar.

CAPÍTULO 3 ANÁLISE DAS INFORMAÇÕES: RELAÇÕES ENTRE AFETIVIDADE E GESTÃO ESCOLAR

3.1 A Dimensão Afetiva na Aprendizagem

Toda criança é bastante curiosa, demonstra agir com inteligência, pergunta, quer saber, observar, mexer, interagir com o outro e construindo-se como sujeito. Em todo esse processo, o afeto é regulador da ação. O afeto, valores, estados emocionais de uma cultura, a qual vivencia. Afeto e cognição são inseparáveis, permitindo construir noções sobre objeto, pessoa e situações.

“Um ato de aprendizagem é um ato de amor porque gera um ser parecido conosco, que chamamos de idêntico, não no sentido de identidade, mas no da identificação com ele” (PAIN, p. 12, 1992).

Por isso, a importância do professor estabelecer relações com as crianças, pelo uso de diferentes canais. Vínculos entre criança/professor, colegas e os objetos de conhecimentos é possibilitado ou dificultado pelo afeto. Para haver aprendizagem, deve haver uma dualidade afetiva.

A motivação para aprender surge à medida que a criança busca dominar algo como meio de satisfação de necessidades. Ser colocada em um ambiente que não lhe desperte medo, mas incentive a explorá-lo, ter sua atenção dirigida a aspectos significativos para si mesma, são elementos que implicam no sucesso da criança na grande aventura de conhecer. Esse processo é coordenado pela inteligência, que representa a eficácia de um indivíduo em aprimorar ou construir conhecimentos novos. Nesse processo o afeto é o dínamo, a energia, de forma que, quando um aluno não aprende um determinado conteúdo, deve haver interferência no afeto, pois no ensino-aprendizagem, transmite-se também o conteúdo emocional e não apenas o conteúdo formal.

A motricidade, a afetividade, a inteligência e a cognição são faces de um mesmo processo de construção coletiva. A emoção é a base da aprendizagem, pois registra a mensagem e dirige ao organismo. Quando a criança vem para a escola, ela sofre uma separação de seu primeiro grupo social e passa conviver com um novo grupo, que precisa socializar-se, criar vínculos com esse grupo e muitas vezes ela tem dificuldades para acostumar-se ao novo grupo e são com as relações

afetivas que são desenvolvidas que farão com que ela tenha sucesso ou não, pois o fenômeno afetivo refere-se às experiências vividas e vivenciadas pela criança. São as relações sociais, com efeito, as que marcam a vida humana, conferindo ao contexto (coisas, lugares, situações, etc.) um sentido afetivo. De acordo com Vygotsky (1994, p. 78):

[...] a aprendizagem ocorre a partir de um intenso processo de interação social, através do qual o indivíduo vai internalizando os instrumentos culturais. Dessa maneira, pode-se supor que as experiências vivenciadas com outras pessoas é que vão determinar a qualidade do objeto internalizado e que tais experiências acumuladas, constituindo a história de vida de cada um, é que vão possibilitar a ressignificação individual do produto internalizado. Por isso os processos de significação estão diretamente ligados à atuação do elemento mediador.

Entendendo o professor como um dos mediadores em sala de aula, as interações entre ele e os alunos não se limitam apenas aos aspectos cognitivos, a afetividade sempre está presente nesse processo. Essas interações são carregadas de afetividade e assim exercer influencia na aprendizagem. Sendo assim, a relação professor/aluno, é fundamental na construção de todo conhecimento, incluindo e relacionando com a leitura e escrita. Pois a atividade intelectual, que tem linguagem como um instrumento indispensável, depende do coletivo, podendo então dizer que a emoção está na origem da atividade intelectual.

Wallon (2007), afirma que a afetividade desempenha um papel fundamental na construção e funcionamento da inteligência, determinando os interesses e necessidades individuais. Tendo como base teórica esse autor, analisar os aspectos afetivos da interação professor/aluno na construção do conhecimento pelo aluno, resgata a dimensão afetiva, pois a criança em idade escolar está em construção e progresso intelectual e a afetividade possibilita esse avanço. São os motivos, necessidades, desejos que dirigem o interesse da criança para o conhecimento e conquista do mundo exterior é, pois, importante observar e descrever como o professor utiliza-se do aspecto afetivo para promover o avanço cognitivo, já que a elaboração cognitiva funde-se na relação com o outro.

Tal relação é permeada pela afetividade, uma vez que, conforme o tom com que fala, o olhar que lança, o gesto que esboça, a fala (do professor) adquire um valor determinado para o conjunto de alunos e, certamente, uma ressonância particular para alguns deles (CUNHA, 1988, p. 18).

Todo o contexto de sala de aula, a forma como o professor conduz a aula vai influenciar diretamente na aprendizagem da criança, pois a criança percebe até mesmo se o professor gosta de estar ali e de seus alunos. Se ela não se sentir bem na sala de aula, vai querer estar bem longe dali e vai estabelecer um vínculo negativo com a aprendizagem.

A comunicação é alimentada pelo afeto e a criança em idade escolar é bastante afetiva e sensível para perceber isso no ambiente escolar e sentir-se motivada para a aprendizagem. Ela precisa sentir-se segura e feliz nesse ambiente fazendo assim uma correlação entre emoção e inteligência.

Para quem vivencia a realidade escolar é imprescindível fazer algumas considerações em relação às dificuldades enfrentadas em sala de aula com o comportamento de alguns alunos. Sobre este aspecto Cury (2001), afirma que é necessário ao professor o conhecimento do funcionamento da mente, a fim de desenvolver nos alunos a capacidade de gerenciar os pensamentos, de administrar as emoções, de ser líder de si mesmo, de trabalhar perdas e frustrações e de superar conflitos.

O autor esclarece que os professores sabem que as crianças e jovens de hoje estão imersos num bombardeio de estímulos visuais e sonoros, advindos de todos os meios de comunicação, principalmente da televisão. Como consequência surge, a “síndrome do pensamento acelerado, SPA²”. Na escola, os portadores de SPA se tornam indisciplinados, pois se tornam agitados, não se concentram, mexem com os colegas e têm conversas paralelas. Diante desse quadro, o professor age com paciência porque tem consciência de que os alunos não têm culpa dessa agressividade e sabem que por detrás dos piores alunos há um mundo a ser descoberto e trabalhado.

Para Chalita (2001, p. 139), paira sempre contra o aluno a fama “de indisciplinado, rebelde, alienado, fruto da natural inquietude juvenil” e que por isso precisa de alguém que o oriente.

Cury (2001) cita ainda que é preciso cativar a emoção do aluno para estimular a concentração e aliviar o SPA. Os professores fazem isso quando falam com ternura, falam com os olhos do coração. Suas vozes expressam emoção por isso

² A ansiedade causada pela SPA gera uma compulsão por novos estímulos, numa tentativa de aliviá-la. Os portadores da SPA adquirem uma dependência por novos estímulos, por isso se agitam na cadeira, têm conversas paralelas, não se concentram e mexem com os colegas, na tentativa de aliviar a ansiedade.

mudam de tonalidade enquanto falam. Com isso cativam os alunos e estes desaceleram seus pensamentos e se voltam para a reflexão do professor.

De acordo com Chalita (2001, p. 239) os indisciplinados são aqueles sujeitos que apesar de parecerem fortes, temidos, que gostam de diminuir o outro para se enaltecer, no fundo são muito infelizes porque “todo esse desejo de exposição está ligado à carência que sentem e à solidão que experimentam. Não conseguiram amadurecer nem desenvolver o foco, o equilíbrio interno [...]”.

Cabe ao professor proteger a emoção nos focos de tensão, manter-se no controle da situação, impedindo que a agressividade dos alunos roube a tranqüilidade. E resolver a situação com respeito, assim, os professores contribuem para desenvolver no aluno a auto-estima, a tranqüilidade, de perdoar, de fazer amigos e de socializar, vivenciando o afeto recebido.

A educação tem um importante papel, o de reeducar a pessoa humana, e esse é um ato de amor. Neste sentido entende-se que a gestão educacional quando pensa em uma escola agradável e organizada para que o aluno sintam-se bem, acolhido neste ambiente e que assim construa conhecimentos necessários para uma aprendizagem de qualidade, está, desta forma, contribuindo diretamente para que as relações afetivas sejam vivenciadas positivamente.

3.2 Papel dos gestores na construção de um ambiente afetivo

A gestão escolar é orientada pelos princípios democráticos, sendo assim, responsabilidade dos vários elementos que compõem a comunidade escolar. De diferentes formas, participam da gestão direção, supervisão, orientação, professores e segmentos, que envolvem a família como o Círculo de Pais e Mestres e Conselho Escolar. Assim cada um exerce uma influência diferente nas relações afetivas estabelecidas pela escola.

Caracterizada pelo reconhecimento da importância da participação consciente e esclarecida das pessoas nas decisões sobre a orientação, organização e planejamento de seu trabalho, a gestão escolar articula os processos que acontecem dentro da escola.

Conforme ensina Lück (2006, p. 37):

Trata-se de uma orientação exercida por equipe de gestão. Está, pois, esse conceito associado ao fortalecimento da democratização do processo de

gestão educacional, pela participação responsável de todos os membros da sociedade civil e da comunidade escolar nos vários níveis e âmbitos das decisões necessárias e da sua efetivação, mediante seu compromisso coletivo com resultados educacionais cada vez mais efetivos e significativos.

Na direção encontram-se aqueles que estão à frente, para liderar e articular os diferentes processos que ocorrem na escola, e para isso precisam ter algumas qualidades importantes para serem bons gestores ou bons líderes. Em primeiro lugar, precisam estar em constante atualização para que assim possam levar conhecimentos aos professores enquanto promovem também formação continuada. Precisam ter um olhar especial e crítico para tudo que acontece na instituição e principalmente serem éticos. Por ter que lidar com o coletivo precisam saber trabalhar junto com os demais e para isso precisam dialogar, aceitar sugestões, saber ouvir. Por ter que lidar com conflitos precisam saber viver em grupo e tomar decisões com cautela.

Uma educação de qualidade, pensada numa gestão democrática, deve transformar esses conflitos em instrumentos de construção de um espaço autônomo de reflexão e ação sobre aspectos pessoais e sociais. Sendo assim, os sentimentos, as emoções e os valores devem ser vistos como objetos de conhecimentos. A educação afetiva pode levar as pessoas a se conhecerem e a compreenderem melhor suas próprias emoções e as das pessoas com quem convivem.

Para Lück (2006, p. 43):

A gestão, portanto, é que permite superar a limitação da fragmentação e da descontextualização e construir, pela óptica abrangente e interativa, a visão e orientação de conjunto, a partir da qual se desenvolvem ações articuladas e mais consistentes.

Todas as pessoas envolvidas neste processo de gestão escolar, gestores, professores, pais e alunos necessitam de relações de respeito mútuo, relações de confiança, percebendo que seus maiores interesses estão sendo levados em conta. Porque, como dizia Paulo Freire (1999) “ninguém educa ninguém”, porém devemos facilitar o processo, permeado pelo amor, cuidado, carinho, segurança e limites”. Respeitando as individualidades, as diferenças, procurando fazer “a diferença” na vida uns dos outros, tanto no lado afetivo, como cognitivo. O afeto é o combustível, a energia da vida e da aprendizagem. A emoção é a base da aprendizagem, pois registra a mensagem e dirige ao organismo.

Neste sentido, o aluno que está indo a escola sem gostar daquele ambiente, conseqüentemente não vai construir conhecimentos. Registra-se aqui a importância de uma boa gestão educacional trabalhar para que todos os envolvidos no processo de construção de conhecimento estejam cientes e bem esclarecidos sobre a necessidade de relações afetivas positivas.

Os gestores precisam ter consciência disso, como diz Heidrich, ao afirmar que o diretor, como articulador do trabalho pedagógico, precisa dar todo o suporte necessário aos professores e à coordenação pedagógica. Um bom princípio é participar das reuniões (tanto de formação permanente como de acompanhamento) e ajudar na busca das soluções para os dilemas de sala de aula. “Sempre que for propor uma intervenção no cotidiano da escola ou em um curso específico, é preciso levar em consideração em que pé estão os trabalhos. Será que as crianças estão aprendendo?” (2009, p. 3).

Na gestão escolar, a administração está a serviço da escola e serve para organizar suas ações e não para direcioná-las.

O processo educacional se assenta sobre o relacionamento de pessoas, orientado por uma concepção de ação conjunta e interativa, é no conjunto que esse valor e importância ganham expressão e significado.

Segundo Lück(2006, p. 97):

Evidencia-se, porém, que o desempenho de uma equipe depende da capacidade de seus membros de trabalharem em conjunto e solidariamente, mobilizando reciprocamente a intercomplementaridade de seus conhecimentos, habilidades e atitudes, com vistas à realização de responsabilidades comuns. Sem estas condições, de pouco adiantaria o talento de pessoas nelas atuantes, uma vez que pessoas talentosas nem sempre formam equipes talentosas. Por outro lado, a mobilização e o desenvolvimento dessa capacidade depende da capacidade de liderança de seus gestores.

Portanto, o trabalho em equipe é fundamental para o desenvolvimento de uma boa educação, onde os membros interagem e se complementam realizando em conjunto a responsabilidade de educar, mas essa mobilização do conjunto é responsabilidade dos gestores, ou seja, da direção. O dirigente exerce ação de orientação, coordenação, mediação e acompanhamento. Sua autoridade é apoiada em sua competência e capacidade de liderança.

Também cabe salientar aqui a importância do papel do coordenador pedagógico. Lembrando o papel dele na formação dos professores, esse

profissional, tendo uma visão crítica e atenta para os acontecimentos, vai identificar quando necessita abordar na formação continuada a questão da afetividade.

Dentro da escola, a função de coordenador pedagógico nem sempre é bem delimitada. Muitos acham que o profissional que exerce o cargo é um auxiliar do diretor para as questões burocráticas. Outros acreditam que cabe a ele resolver os problemas disciplinares dos alunos. E o pedagógico que está na denominação do cargo quase sempre é esquecido. Porém é essa palavra que define a tarefa do coordenador: fazer com que os professores se aprimorem na prática de sala de aula para que os alunos aprendam sempre. Para isso, ele só tem um caminho: realizar a formação continuada dos docentes da escola (HEIDRICH, 2009, p. 1).

Para cumprir com seu papel, precisa buscar melhoria de condições de trabalho na escola, conquistar o espaço de trabalho coletivo, ter espaço para fazer acompanhamento individualizado, ajudar, oferecer materiais e sugestões, melhorando também as relações afetivas no grupo e com o grupo, alunos, professores e pais.

Para Krausz (2008, p. 1) “saber dar as mãos e trabalhar em parceria talvez seja uma das habilidades mais importantes para todo professor, em qualquer nível de ensino, fundamental, médio ou superior”. Acrescenta-se que esta característica deve fazer parte de toda a equipe que faz a educação acontecer, envolvendo professores, funcionários, pais, alunos e equipe diretiva.

A gestão escolar tem no professor, como mediador entre as propostas apresentadas e a aplicação delas na dinâmica de sala de aula, o grande instrumentador de suas diretrizes. É o professor que aplica as propostas e faz acontecer às diretrizes conforme direciona seu trabalho em sala de aula, apresentando, pois, vital importância para a gestão escolar, sendo que, se um professor não concorda ou não se engaja nas propostas apresentadas para a gestão escolar não irá fazê-las acontecer através de seu trabalho.

Krausz (2008, p. 1) faz interessante colocação sobre as características dos professores que tem sucesso no seu trabalho, conforme se verifica a seguir:

Ele segue pelo corredor da escola dando tapinhas nas costas de seus alunos, é notado por todos, que respondem com um sorriso imediato. Entra em classe com um sonoro “Bom dia!” e uma piada na ponta da língua. Ele coloca seus alunos nos ombros e os vira de cabeça para baixo. Traz sempre novidades tecnológicas, mas também traz histórias e brincadeiras do tempo dos seus avós. Fala, orienta, mas está pronto a ouvir seus alunos. Tem conhecimento, mas admite quando não sabe. É persistente e quer aprender sempre mais para levar o que há de melhor aos seus alunos. Aqui não se fala de um professor, mas de muitos que obtêm sucesso em suas carreiras, tanto no ensino fundamental, como no médio e no superior. Esse

é o perfil dos professores mais queridos pelos alunos, independente da série ou do nível de ensino em que eles estudam.

A mesma autora afirma que as dez principais características de um bom professor são: formação adequada; didática de ensino; dinamismo; flexibilidade; criatividade; iniciativa, garra e força de vontade; inovação; organização, pontualidade, comprometimento e responsabilidade; afetividade e sensibilidade; e bom uso das experiências adquiridas.

Ser profissional da educação comprometido com o exercício da cidadania vai muito além das diferentes práticas pedagógicas ou colecionar diplomas. Estes propiciam ao profissional a conquista da melhoria financeira e realização pessoal que lhe permite espalhar seus conhecimentos, iluminando suas idéias, buscando transformar seu viver em prol de experienciar com responsabilidade a vivência dos direitos e deveres no exercício da cidadania.

A atividade humana é intrinsecamente projetiva, pois é capaz de se anteceder aos próprios atos, planejando sempre suas atividades. Quando queremos que algo venha a acontecer, buscamos planejar, estabelecer as condições, organizando o desenvolvimento das ações que norteiam os objetivos.

Após completar seus estudos regulares, o professor, como gestor, deverá estar sempre atento a cursos de aperfeiçoamento que o instrumentalizem, revendo sempre documentários que envolvem educação no espaço escolar e outros espaços educacionais, vinculados a outros órgãos não governamentais. Rever, periodicamente o Plano Político Pedagógico, organização do currículo e reestruturá-los sempre que for necessário.

Privilegiar uma proposta curricular de inclusão que responda à heterogeneidade e multiplicidade brasileiras; as diferenças de idade, etnia, cultura, além de garantir os plenos direitos de cidadão. A construção de meios que permitam a busca incessante de caminhos e direções que orientem para alcançar as metas. Estudar propostas que visem colocar em prática experiências de aprendizagem relevantes.

Para Kishimoto (1994 p. 14), proposta pedagógica é como uma “explicitação de qualquer orientação presente na escola ou rede, não implicando necessariamente o detalhamento da mesma”. Devem ser incluídas definições sobre o tipo de escola que queremos oferecer; “contextualizada histórica, ideológica, filosófica, social, cultural, política, econômica e psicológica;” delinear recursos,

conteúdos, avaliação, estratégias, etc. como qualquer outra entidade que vise trabalhar a criança no seu ser total.

O projeto educacional, delineado por toda equipe gestora, juntamente com a família e alunos, desvela ao educador a intencionalidade e comprometimento do educador com as múltiplas dimensões de aprendizagem de seus alunos, desenvolvendo a reflexão pedagógica planejada intencional. Mesmo numa época conturbada por tantas contradições, os educadores deverão lançar olhares críticos e superar a visão individual, restrita, por uma visão de conjunto de experiências de aprendizagens na contextualização histórico-cultural, sempre mais ampla e inclusiva.

O educador que se atualiza constantemente está sempre aberto a novos questionamentos e reflete as diferentes opções que dispõe ao preparar suas aulas, no intuito de despertar nos seus alunos o interesse sobre os temas em debate, as múltiplas linguagens utilizadas no desenvolvimento do trabalho educativo pedagógico, fazendo acontecer a relação teoria e prática, em parceria escola-família-comunidade.

A apropriação e vivência da cultura local enriquecem o planejar, tornar o real, o tornar significativo. Esta postura desperta o interesse e levanta a auto-estima de aluno e professor, pois independe da linha pedagógica seguida, a autenticidade da ação reflexão ação.

Parece cada vez menos razoável negar a dimensão educativa do trabalho docente, mas seria tão absurdo quando injusto esperar dos professores virtudes educativas infinitamente maiores do que as da sociedade que lhes oferecem a incumbência de ensinar. Ainda que eles fossem exemplares, não poderiam mascarar o estado do mundo. “Nosso planeta é confuso”, todos os alunos vêem isso todos os dias nas ruas e nos meio de comunicação. Charles Péguy escrevia em 1904, em uma espécie de editorial chamado *Pour la Mentrée*; “Quando uma sociedade não pode ensinar, é que esta sociedade não pode ensinar-se, é que ela tem vergonha, tem medo de ensinar-se a si mesma, para toda a humanidade, ensinar, no fundo, é ensinar-se; uma sociedade que não ensina é uma sociedade que não se ama, que não se estima, e este é precisamente o caso da sociedade moderna (PERRENOUD, 2000, p. 141).

A educação tem necessidade de mudanças, por isso precisamos de informações, principal recurso de transformação. Mas não podemos aceitar o novo só porque é novo e rejeitar o velho sem uma análise crítica sobre ambos. Portanto a

tarefa do educador é desafiar o educando a criar, investigar, ser crítico, transformar e produzir assim compreensão daquilo que diz e faz. Este papel será atingido com maior eficiência se o olhar e agir do professor forem afetivos, capaz de ver as potencialidades dos educandos e de mostrar a ele as múltiplas possibilidades existentes. Como nos orienta Antunes (2001, p. 11):

Anos atrás, o professor devia levar a seus alunos as informações específicas de sua disciplina, aprendidas em seus estudos, e aos alunos cabia assimilá-las de maneiras significativas ou mecânicas. Hoje já não é mais necessária essa tarefa, uma vez que essas informações são transmitidas por todos os meios – livros didáticos, fascículos, apostila, revistas, jornais, vídeos, programas de computador, busca na internet – mas seu excepcional volume e necessidade constante de atualização em conhecimentos, habilidades, práticas cívicas e, enfim, sabedoria.

Por melhor que seja o uso de avançadas tecnologias, estas não substituem o calor humano, não tem capacidade de perceber potencialidades e limites, não podem lançar um olhar afetivo que cativa o aluno e faça-o interagir com o objeto de conhecimento.

Contudo é uma exigência para a profissão de professor, estar inserido nas novas tecnologias, podendo fazer uso delas para inovar suas aulas e principalmente auxiliar o aluno no atendimento das mídias e das multimídias, tendo o papel de orientar quanto à formação de seus alunos. É possível então afirmar que não há proposta pedagógica e reforma educacional sem o professor. Seu papel é primordial e fundamental. Sendo assim requer que pensamos sobre metodologias, instrumentos, materiais, entre outras coisas, ser um professor capacitado, atualizado, um mediatizador entre informações, aluno e o espaço escolar.

Outro fator fundamental que é preciso resgatar as finalidades educativas fundamentais. Morin (2004) afirma que as finalidades educativas educacionais fundamentais que foram ocultadas pelas fragmentações disciplinares precisam ser resgatadas a fim de desenvolver-se a educação de qualidade. Para o autor é preciso ensinar a condição humana. Faz-se necessário o desenvolvimento da cultura humanista a fim de permitir um ensino onde todas as disciplinas convirjam, no sentido de fazer com que cada jovem espírito se conscientize do significado de ser humano, reconheça o que é ser humano, que pertence ao mesmo tempo à natureza e a cultura, que está submetido à morte como todo animal, mas que é o único ser vivo que crê numa vida além da morte e cuja aventura histórica conduziu-nos à era planetária.

É finalidade do ensino ajudar o aluno a se reconhecer em sua própria humanidade, situando-a no mundo e assumindo-a, e como o ser humano é ser social e as relações humanas são plenas quando envolvem afeto, cabe ao professor e aos demais gestores desenvolverem ações que privilegiem a convivência e a vivência de afetividade no contexto escolar.

Outro aspecto muito importante, segundo Morin (2004) é a necessidade de refazer uma escola de cidadania. O aprendizado da cidadania necessitará do ensinamento do que é uma nação, da história de seu país, seu continente e do planeta. O ensino deve contribuir para o enraizamento de cada criança e jovem em sua história e cultura para que ele possa perceber que esta cultura e esta história estão ligadas ao mundo. Percebendo-se como pessoas ligadas ao mundo e aos problemas enfrentados no mundo, os alunos reportam as grandes questões que agitam a consciência humana: quem somos, onde estamos, de onde vimos, para onde vamos? Ao buscar responder às interrogações e curiosidades, o saber antes fragmentado, desinteressante e sem sentido, assume sentido e, desta forma, o aluno torna-se apto a situar-se no mundo, em sua própria terra, sua história, sua sociedade, encorajando-o a contextualizar a realidade e ter consciência e vontade de afrontar os grandes desafios existentes.

Contudo, os alunos irão se engajar nos novos desafios se forem cativados, se forem envolvidos pelo afeto.

Há necessidade de novas propostas pedagógicas e uma reforma educacional coesa, ou seja, com objetivos significativos para todos, desenvolvendo o coletivo na totalidade. É imprescindível que a escola acompanhe todas essas transformações, inove-se, não é mais possível continuar com aulas marcantes, reprodutoras, quadro negro e giz.

É o momento de repensar a educação em si, a partir daí criar dispositivos que possibilitem um novo olhar, onde todas as áreas do conhecimento possam trabalhar questões pertinentes para uma construção de conhecimentos significativos, mais humanos, mais dignos, embora no princípio de igualdade, fraternidade, liberdade, respeito ao outro. Como diz Libâneo (2001), precisa ter capacidade de relacionar-se, superar uma visão dualista, e pensar o coletivo. A primeira lição é ser tolerante, e essa, nasce do diálogo, implica respeito às individualidades. O mesmo autor ainda diz que o individualismo ameaça a vida em grupo que é o lugar onde se aprende a conviver e isto consiste na perda do espírito comunitário.

O ensino-aprendizagem é uma atividade compartilhada, dialética onde não só o aluno aprende, mas também o professor, tornando a escola uma “comunidade de aprendizagem”. O processo de ensino e aprendizagem está associado às relações interpessoais. As relações familiares, sociais, institucionais estão estreitamente relacionadas aos resultados finais de avanços ou inércia nos processos de aprendizagem.

No espaço da sala de aula, temos nas relações interpessoais entre professores e alunos e a construção de vínculos com a aprendizagem, um dos aspectos fundamentais a serem considerados. Cada um de nós pode recorrer às experiências enquanto aluno que passou a interessar-se ou a rejeitar determinadas “disciplinas” a partir de certos tipos de relações interpessoais. Ou seja, o professor passa a representar um vínculo favorável ou desfavorável com determinado tipo de conhecimento. As trocas interpessoais são freqüentes e permeiam todo e qualquer procedimento de aprendizagem.

Por isso, a concepção atual de gestão escolar não pode abdicar da reflexão sobre uma prática pedagógica que pressuponha o saber dialogar, o respeito pelo saber do educador e o reconhecimento da identidade cultural e emocional do outro. Assim será possível resgatar o prazer de aprender e ensinar, onde o afeto nas relações é combustível essencial para o alcance dos objetivos almejados.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da pesquisa realizada conclui-se que o ser humano é um ser emocional e são essas emoções que nos constituem seres sociais incapazes de sobreviver sozinhos, isolados. A questão afetiva é fundamental no desenvolvimento da criança desde que ela está sendo gerada, pois é através das emoções que manifesta seus desejos, suas manifestações de agrado ou desagrado e visa atender suas necessidades. Na idade escolar não é diferente, para construir laços afetivos com o objeto do saber e com as pessoas com quem fazem parte do processo. A falta ou a ausência do afeto gera pessoas com auto-estima baixa, inseguras, com dificuldade de aprendizagem, entre outros problemas.

Salienta-se também a importância da gestão escolar trabalhar juntamente com todo o processo educacional da escola. Estar atento a tudo que acontece e proporcionar embasamento teórico e prático que contribua com o processo de ensino aprendizagem. Todos somos gestores, envolvidos com a educação dentro da instituição, pois se faz necessário trabalhar em conjunto.

Compreender o conceito de gestão talvez seja uma condição básica para que possamos compreender a dinâmica que envolve todo o processo da democratização da escola. A gestão escolar pressupõe coletividade e só poderemos trabalhar em conjunto se conseguirmos nos enxergar no outro quer seja em nossos alunos, em nossos colegas, nos funcionários da escola, nos pais dos alunos e na própria comunidade escolar. Para isso é necessário compreender como transcorrem estas relações com o outro num processo de ensino e aprendizagem.

Para educar é preciso amar, é preciso trocar afeto. Porque o autoritarismo não cabe mais. É preciso conquistar os alunos pelo lado humano e sempre respeitando seus limites, seus sonhos.

Aprendemos que é preciso desafiar a habilidade emocional para sermos e fazermos capazes nossos alunos de resolver os problemas e obstáculos da vida de maneira mais tranqüila, mais humana e feliz.

A habilidade emocional nos torna um gigante por dentro porque, através do controle da emoção, nos tornamos fortes e poderosos contra as adversidades do caminho. Pois num mundo tão violento a grande lição ora aprendida e que urge

proclamar é: devemos combater com todas as forças a insensibilidade, o desrespeito, a falta de solidariedade. E a melhor arma é o amor.

É preciso esclarecer que embora a sala de aula seja o lugar consagrado, o ato de educar não acontece só na escola. Estuda-se, aprende-se, educa-se, onde há comunhão de idéias, troca de afeto, de respeito e sinceridade.

E para tanto se faz mister no mundo, na família, nas escolas e na gestão educacional resgatar valores como a ética, o respeito e a amizade para proporcionar um caminho mais colorido e bem-sucedido na educação.

Cabe à escola investir na qualidade das relações entre todos os seus segmentos. Os desafios são grandes, mas possíveis de serem enfrentados. Se os profissionais que trabalham na escola perceberem que são reconhecidos e valorizados como seres humanos, que trazem consigo um universo de emoções, conseguirão realizar seu trabalho com maior satisfação e alegria, e transmitirão esses sentimentos aos demais. Se os alunos perceberem que há um tratamento mais humano e afetivo, refletirão isso em seus atos, pois as crianças aprendem o que vivenciam. Vivenciando afeto na escola terão mais prazer em aprender.

REFERÊNCIAS

- AFONSO, R. A. **Afetividade: a importância afetiva no processo de ensino-aprendizagem**, 2006, 42 f. Trabalho de conclusão de curso (graduação) – Universidade Estadual de Campinas, Programa Especial de Formação de Professores em Exercício da Região Metropolitana de Campinas (PROESF), Campinas.
- ALMEIDA, R. L. de. **O relacionamento interpessoal na coordenação pedagógica**. São Paulo: Papyrus, 2002.
- ANTUNES, C. **Fascículos em sala de aula**. Petrópolis. Rio de Janeiro: Vozes, 2001.
- AQUINO, J. G. **Do Cotidiano Escolar: Ensino sobre e ética e seus avessos**. São Paulo: Summus Editorial, 2000.
- BARCELOS, E. S. A escola: uma proposta político-pedagógica. **Espaço da Escola**, Ijuí: Ed. Unijuí. Ano 3, n. 9, p. 19-24, 1993.
- BOSI, R. **As crianças aprendem o que vivenciam**. Rio de Janeiro: Sextante, 2000.
- CHALITA, G. **Educação: a Solução está no afeto**. São Paulo: Editora Gente, 2001.
- CHALITA, G. **Pedagogia do Amor**. São Paulo: Editora Gente, 2005.
- CUNHA, L. A. R. **Educação e Desenvolvimento Social no Brasil**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1988.
- CURY, A. **Pais brilhantes, professores fascinantes**. 2 ed. Rio de Janeiro: Sextante, 2001.
- DEMO, P. **Conhecer e Aprender: sabedoria dos limites e desafios**. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.
- FERNÁNDEZ, A. **Os idiomas do aprendente: análise de modalidades ensinantes em famílias, escolas e meios de comunicação**. Porto Alegre: Artmed, 2001.
- FERREIRA, N. S. C.; AGUIAR, M. A. (Org.). **Gestão da educação: impasses, perspectivas e compromissos**. São Paulo: Cortez, 2000.
- FREIRE, P. **Educação como prática de liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.
- FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia: Saberes Necessários à prática Educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- FREIRE, P. **Pedagogia da esperança um reencontro com a pedagogia do oprimido**. 6ª ed. Ed. Paz e Terra. São Paulo – SP, 1999.

GADOTTI, M. **Perspectivas atuais da Educação**. Porto Alegre: ArtMed, 2000.

GAGNÉ, R. M. **Como se realiza a aprendizagem**. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1980.

GALVÃO, I. **Uma Concepção Dialética do Desenvolvimento Infantil**. Petrópolis/RJ: Vozes, 1995.

GOLEMAN, J. **Inteligência emocional e a arte de educar nossos filhos**. Rio de Janeiro: Objetiva, 1997.

HEIDRICH, G. **Os Caminhos para a Formação de Professores**. Disponível em: <<http://revistaescola.abril.com.br/gestao-escolar/coordenador-pedagogico/caminhos-formacao-professores-476133.shtml>>. Acesso em: 16 de maio 2009.

KISHIMOTO, T. M. **O jogo a Criança e a Educação**. São Paulo: Pioneira, 1994.

KRAUSZ, M. **Gestão de Pessoas**. Disponível em: <http://www.gestaoeducacional.com.br/canal_ver_materia.php?materia=entre_na_rodada.htm&images=gestao_pessoas.>. Acesso em 11 de novembro de 2008.

LEITE, S. A. da S.; TASSONI, E. C. M. **A afetividade em sala de aula: As condições de ensino e a mediação do professor**. Disponível em <<http://www.fe.unicamp.br/alle/textos/SASL-AAfetividadeemSaladeAula.pdf>>. Acesso em: 26 de abril de 2009.

LIBÂNEO, J. C. *et alii*. **Educação escolar: políticas, estrutura e organização**. 2 ed. SP: Cortez, 2005.

LIBÂNEO, J. B. **A arte de formar-se**. São Paulo: Loiola, 2001.

LÜCK, H. **Gestão Educacional: uma questão paradigmática**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.

MORIN, E. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. 9. ed. São Paulo: Cortez, 2004.

PAIN, S. **Diagnóstico e tratamento dos problemas de aprendizagem**. Porto Alegre: Artmed, 1992.

PAPALIA, D. E. **Desenvolvimento Humano**. 7 ed. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.

PAULA, E. M. A. T. de; MENDONÇA, F. W. **Psicologia do desenvolvimento**. Curitiba: IESDE Brasil S.A., 2007.

PERRENOUD, P. **10 novas competências para ensinar**. Convite a viagem. Porto Alegre: Artes Médicas, 2000.

PESSOA, V. S. **A afetividade sob a ótica psicanalítica e a piagetiana.** [2000]. Disponível em: <<http://www.uepg.br/proesp/publicatio/hum/2000/06.pdf>>. Acessado em: novembro de 2008.

PIAGET, J. **A epistemologia genética: Sabedoria e ilusões da filosofia/ Problemas de psicologia genética.** 2 ed. São Paulo: Abril, 1983.

PIAGET, J. **Seis estudos de Psicologia.** Rio de Janeiro: Forense, 1998.

PILZ, C. **Pesquisa.** Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Pesquisa> >. Acesso em: 10 de abril de 2007.

PORTELA, G. **Abordagens teórico-metodológicas para a pesquisa científica.** Disponível em: < <http://www.girleneportela.com.br/artigo.asp?id=586>>. Acesso em: 02 de junho de 2009.

RODRIGUES, M. **Psicologia Educacional: Uma Crônica do Desenvolvimento Humano,** MEC Graw – Hill. 2002.

RUIZ, J. A. **Metodologia científica: guia para eficiência nos estudos.** 4. Ed. São Paulo: Atlas, 1996.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente.** Rio de Janeiro: Martins Fontes, 1994.

VYGOTSKY, L. S. **Pensamento e Linguagem.** Rio de Janeiro: Martins Fontes, 1998.

WALLON, H. **A evolução psicológica da criança.** São Paulo: Martim Fontes, 2007.

WEBER, L. **O que falta é Afeto.** Veja. Vol.5, nº 02, p.13-14. 2004.

ZAGURY, T. **O adolescente por ele mesmo.** 10ª ed. São Paulo: Record, 1999.